

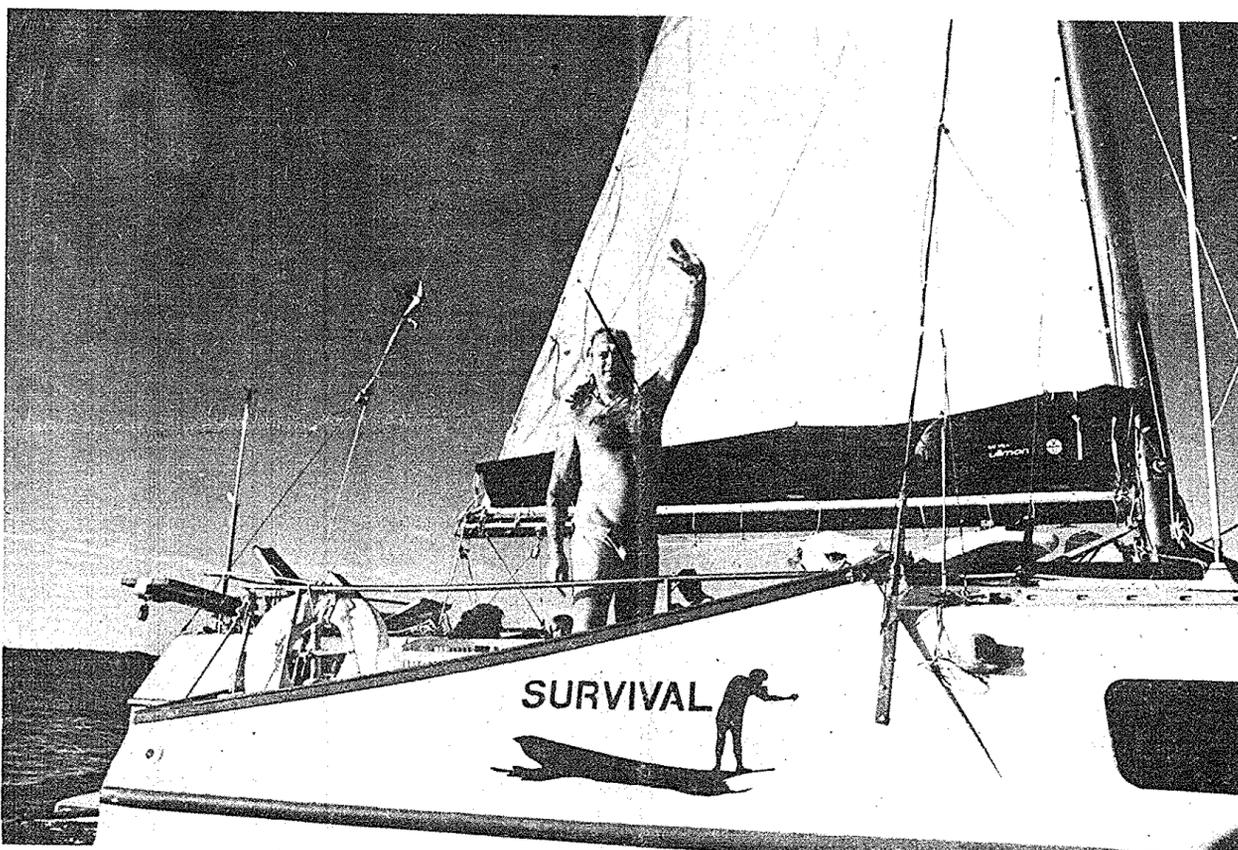
A volta ao mundo em defesa dos índios

O profeta Jorge Ben já disse em sua música: "Todo dia é dia de índio". Parece que a música se aplica muito bem nesses últimos tempos conturbados da "Nova República", quando em Altamira (461 quilômetros a oeste de Belém) é realizado o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, cujo objetivo principal é o de denunciar a construção das barragens de Babaquara e Cararaó, consideradas uma ameaça para a vida dos sete povos indígenas da região.

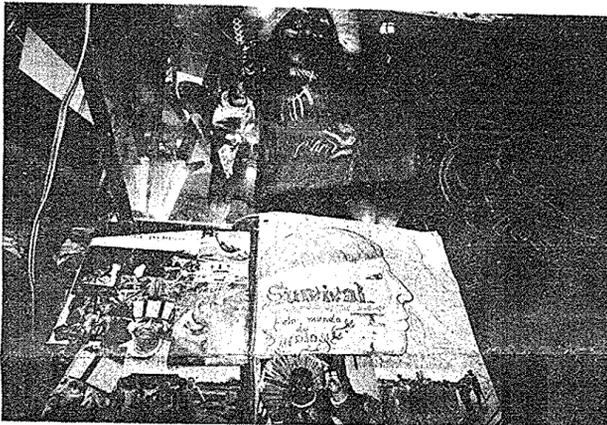
Paralelo a esse conflitante acerto de contas entre "cara pálida" e índios (leia-se UDR e índios), encontram-se em Salvador, a bordo do seu trimarã "Survival" ("Sobrevivente"), alguns dos últimos sobreviventes na luta pela defesa do meio ambiente mundial: o ecologista inglês Clive Kelly e sua companheira brasileira Cleide de Oliveira, que há 17 anos desenvolvem um trabalho de divulgação e defesa da cultura indígena do Brasil, ligado à "Survival International" — uma entidade inglesa em defesa dos direitos humanos das tribos indígenas.

A chegada do "Survival" a Salvador não é mera coincidência nem se trata de mero modismo, o fato dos "bianques" estarem preocupados com a situação dos índios no Brasil. "Captain Kelly", como é chamado pelo seu amigo íntimo, o cantor Sting, foi o responsável pelo encontro entre o cantor-ecologista e defensor dos índios e o cacique Raoni, da tribo Txucarramãe, no Parque Xingu. Aliás, o bellissimo cocar (kru kru ti dos índios caiapós) usado por Sting e Raoni no show da Anistia Internacional, em São Paulo, no ano passado (colocado em ocasiões de celebrações de paz), acabou sendo dado de presente a Sting pelo cacique Raoni. Há pouco tempo, convidado a passar o Carnaval desse ano e desfilar em escola de samba, no Rio de Janeiro, Sting recusou-se por um simples motivo: o assassinato de Chico Mendes. Na última segunda-feira, o cantor inglês teve uma experiência mais difícil: convencer o presidente Sarney, que acabou aprovando "informalmente", depois de quase duas horas de negociação, a criação de um novo grande Parque Nacional do Xingu e as reservas do Gurupi e Gorotiré — uma área total de 450 por 600 quilômetros. A criação do parque é parte do projeto da Fundação Mata Virgem, um movimento até então desconhecido que seria gerenciado no Brasil, mas com recursos externos e internos.

Para o "Captain Kelly", a reunião entre Sting e Sarney foi muito positiva, principalmente agora com a realização desse I Encontro. "Raoni tem uma voz e os índios em geral têm uma voz muito mais alta. Agora todo mundo está escutando. Com a morte de Chico Mendes, ganhou evidência a preocupação com a devastação da Amazônia (o excesso de queimadas na área), além da ameaça de extinção da camada de ozônio da atmosfera (isso faz com que o Sol esquente demais e, em consequência, as geleiras derretam-se). O mundo vive um verdadeiro 'Apocalypse Now'. Então o mundo está despertando para o problema do índio. Por quê? Moda? Porque agora tinha que morrer uma pessoa para outros abrirem os olhos, ou melhor, para ensinar, ajudar outros a abrirem os olhos para o que é a verdade. Pensando nas crianças do futuro, para que elas possam ainda presenciar e saber o que é uma mata virgem, uma floresta e um índio de verdade". Clive Kelly aprofunda a questão com sua busca teológica. Segundo ele, o índio é o próprio e verdadeiro Adão (Homem) e "quando o Criador, que fez esse mundo, sabe que não tem mais crianças inocentes como os indiozinhos, que não precisam de roupas, que andam nus e são livres. O que está acontecendo: o mundo está perdendo muito rápido os índios". A questão ecológica vai alcançando uma maior dimensão em todo o mundo. Só para se ter uma idéia, na abertura do I Encontro, o chefe caiapó Paulo Payakan foi recepcionado com uma manifestação de fazer inveja a qualquer presidente da República. Payakan é o idealizador do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Entretanto, Clive Kelly esclarece que desde 1979 se vem tentando realizar esse encontro, mas na



A bordo do "Survival", Clive Kelly vem percorrendo o mundo na sua luta a favor dos povos indígenas



No interior do barco, um verdadeiro museu do índio, com recortes e objetos colhidos em várias regiões



Clive Kelly e Cleide de Oliveira: preocupados com a preservação da Amazônia e a situação dos índios

época o presidente Adhemar Ribeiro da Silva, da Fundação Nacional de Apoio ao Índio (Funai), não permitiu. Enquanto o presidente Sarney faz uma turnê pelo Japão, as tensões entre fazendeiros da UDR (maiores donos de terras) e os índios crescem. Os atritos surgidos com o tiroeteio da Chácara Betânia, no último sábado, apesar de reduzidos hoje, demonstram claramente o clima conflituoso, ao se tentar negociar democraticamente a questão. O I Encontro havia sido programado antes da morte de Chico Mendes, em dezembro, e sua repercussão cresceu tanto que os jornalistas ingleses fretaram um avião especial para a cobertura. Pelo que se vê, a preocupação no exterior em relação aos índios é bem maior do que pode imaginar nossa vã filosofia. Não é à toa que, para organizar esse encontro,

Payakan visitou sete países estrangeiros fazendo campanha contra a Barragem de Cararaó. Em quase todos os lugares, fez conferências, e em alguns, como é o caso de Vancouver, no Canadá, levantou 60 mil dólares em três dias para financiar o transporte de índios para o encontro. O curioso, segundo Clive Kelly, é que Payakan já vem aprendendo as manhas políticas dos brancos. Na sua "taba", por exemplo, já existe uma pequena infra-estrutura, com telefone, e, a depender das negociações, ele apresenta-se a caráter ou não. "Uma boa maneira de abrir espaço de participações no mundo esperto dos brancos, Payakan sabe fazer o jogo certo, na hora certa. Sendo por uma causa justa, vale a pena", opina Kelly. Sem dúvida Clive e Cleide formam um casal bastante original. Cleide de Oliveira, uma

mato-grossense nascida na cidadezinha de Dourados, fronteira com o Paraguai, descendente direta de índios, chama atenção pela sua beleza indígena, contrastando com seus expressivos olhos verdes. Uma mistura original: sua mãe, índia, casou-se aos 13 anos com um gaúcho. Garra, força e vontade não faltam a ela, que, ao lado do companheiro, navega por mares às vezes não muito tranquilos, quanto à defesa dos índios brasileiros. Mas espírito de aventura também não falta aos dois, que também são exímios artesãos (eles confeccionam colares com pedras semipreciosas, ossos e outros materiais, verdadeiras jóias em marfim, de dente de baleia, coral negro e vermelho). É disso que vivem. A bordo do veleiro Survival — um trimarã (três cascos) de 55 pés de comprimento por 28 de

largura, motor, 11 velas, cinco cabinas, dois banheiros, cozinha e fundo de vidro especial para filmagens submarinas — que o próprio Clive projetou e construiu na Inglaterra —, o casal saiu de Ilha Bela (em São Paulo), para uma nova volta ao mundo pela mesma causa à qual ela, há muito, aderiu completamente. Agora o próximo porto é o Caribe. Depois de anos buscando, Clive e Cleide acreditaram ter encontrado um jeito de ajudar o mundo. Além de filmar povos indígenas de toda parte ameaçados de extinção, querem fazer palestras, mostrar filmes sobre a situação dos índios e a destruição da fauna e da flora, promover debates, fazer reportagens e divulgar a cultura dos índios. Encantado pela beleza ecológica de Pituacu, "Captain Kelly" já esteve na Conder, quando manteve contato com o presidente da empresa,

Newton Oliveira, e trocaram idéias sobre a situação atual do parque. Além disso, o ecologista e candidato a vereador pelo Partido Verde, Joel Hamilton, também esteve com Kelly, quando foi proposta a idéia de realizar um evento ecológico-cultural, com mostras de filmes e debates.

Fascinado pelos índios brasileiros, Kelly embrenhou-se pelas matas do Alto Xingu para fazer o filme "Indians", com o diretor belga Jean-Pierre Dutilleux, exibido com muito sucesso nos Estados Unidos, Canadá, Suécia, até no Japão e, naturalmente, pouquíssimo conhecido no Brasil. A repercussão do filme gerou um convite da BBC de Londres para ele fazer outro sobre a vida de Cláudio e Orlando Villas-Boas, que se chamou "Xingu — o homem branco está chegando". Mas foi com o filme "Raoni", ganhador do prêmio ecológico no Festival Internacional de Cannes (1977), que contou com a participação de Kelly como ator, além de ter sido indicado para o Oscar de Melhor Documentário, e, no Festival de Gramado, como Melhor Filme, Melhor Fotografia, Melhor Música (Egberto Gismonti) e Melhor Montagem, que sem dúvida Kelly teve um retorno imenso: tornou-se grande amigo do cacique Raoni, ganhando sua confiança (no Survival existe um museu indígena, onde Raoni tem uma homenagem especial). Kelly criou uma verdadeira atração: um bonequinho indígena que move a cabeça e passa as páginas de um livro contando a história do seu povo, e avisa: "Nós não queremos ser aculturados".

Leila Rizério

A carta de Megaron

Abaixo, trechos da carta que foi escrita pelo diretor do Parque Xingu, o índio Megaron, a Clive Kelly. "Essa carta, depois Raoni mandou para mim, há quase nove anos e nunca foi publicada no Brasil ou em outro país. E ela explica porque eles mataram aquelas pessoas (16 peões) por uma questão de sobrevivência. Entretanto, ninguém sabe quantos índios morreram cada ano, quantos milhares sumiram nos últimos 10 anos, mortos por doenças de brancos, pela aculturação, prostituição, alcoolismo, sem falar na posse das terras deles, que sempre foram deles", diz Kelly. "Kritire 5 de Setembro de 1980. Kelle meu amigo como vai você? Espero que esteja bem com você. Aqui não está muito bom com nós, você já deve está sabendo da briga que meu pessoal teve com o fazendeiro aqui na nossa terra. Você deve lembrar da margem direita do rio Xingu a Baixa da BR 80, fazendeiro estava a 5km da margem do rio. Em junho meu tio Rauni pediu para o fazendeiro parar a derrubada e sair da área, quando foi dia 8 de agosto de 1980 Moikara estava fazendo canoa perto da estrada ficou sabendo que o fazendeiro tinha voltado no mesmo lugar. Meu tio estava no Posto Diauarum. Eu estava em São Paulo, Bedjai que é meu primo avisou para meu tio no Diauarum, meu tio pegou e mandou Suiá, Kaiabi e Jurona junto com pessoal meu para eles irem expulsarem os piões do fazendeiro... Você sabe que nós índios não temos nenhum jornal que fala verdade de nós, não temos televisão para falar a verdade da nossa terra, do nosso problema e do nosso direito para o povo do Brasil. Acho bom agora o filme ("Raoni") que vocês fizeram do meu povo. No filme meu tio Rauni já falava, já avizava para o branco. Não pode entrar na minha terra..." Essa carta é publicada na efervescência do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, com o apoio de ecologistas e jornalistas do mundo inteiro e da própria Igreja Católica, já que o Papa João Paulo II enviou, na última quarta-feira, a Altamira, um telegrama amiguando com a possibilidade de uma solução pacífica e democrática o mais rápido possível para o término do conflito entre fazendeiros e índios. Quem quiser se associar à Survival International ou obter maiores informações sobre a entidade, basta se corresponder com Survival International — 310 Edgware Road, London W2 1DY, England (Tel.: 01-723-5535). President: Robin Hanbury-Tenison OBE. Director: Stephen Cory.